



Mulheres Regentes: um debate sobre a representação feminina em bandas de música

Comunicação

Bianca Guerra Bioni

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

bibioni_gb@hotmail.com

Regina Finck Schambeck

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Regina.finck@udesc.br

Resumo: Este texto apresenta um recorte de pesquisa de mestrado em música em andamento, na linha de pesquisa de Educação Musical, que têm como objetivo investigar a representatividade feminina e sua relação com questões de gênero e patriarcado e, ao mesmo tempo busca identificar as influências do feminismo na ocupação de mulheres em cargos de regentes em bandas de música. Neste texto, apresenta-se os fundamentos teóricos a partir da revisão de literatura de autores que dialogam sobre a questões de gênero, feminismo, e patriarcado e, também, trabalhos que indicam a inserção cada vez maior da representação feminina na música e em bandas, tanto como instrumentistas e/ou regentes. A revisão de literatura nos mostra que a questão de gênero têm sido cada vez mais debatida na música e que ela é necessária, para que haja uma mudança real no panorama da inserção e da visibilidade dos trabalhos das mulheres musicistas em bandas de música.

Palavras-chave: Mulheres regentes. Banda de música. Representação Feminina.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa de mestrado em andamento que traz a temática da representação feminina como regentes em bandas de música em Santa Catarina e que tem como objetivo investigar a representatividade feminina e sua relação com questões de gênero e patriarcado e, ao mesmo tempo busca identificar as influências do feminismo na ocupação de mulheres em cargos de regentes em bandas de música. Neste presente artigo apresentamos alguns dos fundamentos teóricos que estão sendo utilizados na pesquisa, com o intuito de fazer uma reflexão e discussão sobre a temática em espaços de troca de experiência sobre Educação Musical.



O interesse pelo tema está relacionado à minha trajetória musical como instrumentista saxofonista e participante de uma banda de música há mais de 12 anos. Onde nessa mesma instituição não se tem registro de haver uma mulher regente, levando em consideração que é uma banda com 148 anos de existência. Ao mesmo tempo, observando outros espaços de ensino e aprendizagem musical e até mesmo dentro das universidades, foi possível perceber que a representação de mulheres ainda é diminuta em relação à masculina, principalmente no cargo de regentes de bandas.

Foi assim, após o surgimento de questionamentos em relação a essa temática, que surgiu a proposição de pesquisa, em que foi possível identificar autores que dialogavam sobre estudos de gênero, feminismo e patriarcado.

Vale ressaltar que o interesse na temática de gênero tem aumentado consideravelmente, não só no campo da música, mas em diversas outras áreas de estudo. Sendo assim, caracteriza-se como um tema emergente, mesmo que ainda reduzido em comparação a outros. Isso ficou ainda mais evidente quando a Associação Brasileira em Educação Musical (ABEM) no ano de 2021 criou um grupo de trabalho (GTE) para o XXV Congresso Nacional da ABEM intitulado: Gênero, sexualidade e interseccionalidades e/m Educação Musical. Nesse GTE foram apresentadas 9 comunicações sobre a temática. Da mesma forma, na Revista da ABEM, nos anos de 2020 e 2021 foram publicados 5 trabalhos trazendo discussões sobre as interseccionalidades de gênero em educação musical. A maioria dos artigos se debruçaram sobre o tema dentro do ambiente escolar de educação básica e/ou instituições de ensino superior, porém, ainda se fala pouco sobre a temática em outros locais de ensino e aprendizagem de música, no caso das bandas de música. Sendo assim, o presente escrito propõe uma discussão sobre tal questão, afim de entender também um pouco mais sobre alguns conceitos que estão relacionados com a representatividade feminina nestes espaços.

Para a escolha dos autores e autoras que fazem parte da discussão, foram selecionados artigos que apresentavam palavras-chave como gênero, mulheres, representação feminina, regência, banda de música, encontrados principalmente na revista da ABEM, e também outros trabalhos utilizados nas próprias referências destes mesmos artigos. Além de um fórum, um livro e um manifesto que discutiam a mesma temática. Para



a pesquisa em andamento, ainda está sendo feito um levantamento nos anais do Congressos da ABEM, Revista da ABEM e Revista OPUS, entre os anos de 2012 a 2021, com o objetivo de identificar as produções realizadas sobre o tema nesses últimos 10 anos.

Desta forma, será apresentada aqui parte da revisão de literatura utilizada na pesquisa de mestrado em andamento. Na primeira parte, tentaremos esclarecer brevemente alguns conceitos como os de gênero, patriarcado e feminismo, conceitos estes que estão muito relacionados com a questão da representatividade feminina em diversos espaço. Na segunda parte traremos alguns autores e autoras que discutem sobre mulheres na música e em bandas de música, e na última parte autores e autoras que discutem sobre mulheres na regência.

ESCLARECENDO ALGUNS CONCEITOS

Quando falamos da representação de mulheres na música, trazemos para a discussão também questões de gênero, feminismo e patriarcado. Conceitos esses que estão tão entrelaçados e relacionados com a representação de mulheres, tanto na música como em qualquer outra área de conhecimento.

Durante muitas décadas o papel da mulher na sociedade foi o de realizar tarefas relacionadas à vida doméstica, e era ela quem ficava responsável pelas tarefas e cuidados da casa, dos filhos e do marido. Ao mesmo tempo a mulher era privada de ocupar cargos importantes que, eram, assim, ocupados por homens. Nesse sentido, a inferiorização do papel ocupado pela mulher na sociedade, ou seja, nas posições que ela ocupa na estrutura social, está relacionada ao gênero, ou seja, diretamente relacionada ao patriarcado. Nessa estrutura é o homem que ocupa uma posição superior e dominante em relação à mulher. Para combater e libertar as mulheres desses padrões patriarcais, baseados no gênero, surge o movimento feminista.

Para entender melhor essas diferenças sociais baseadas no sexo, surge o conceito de gênero como uma categoria de análise social. Dentre os autores que discutem o conceito de gênero, Muller (2021) traz uma abordagem histórica deste conceito, apoiando-se em



algumas abordagens da antropologia, do movimento feminista e abordagens anticolonialistas, e aponta que

Desde o início do século XX, algumas mulheres passaram a se manifestar criticamente sobre sua realidade concreta e observável, que era de um mundo de submissões para as mulheres e de privilégios para os homens, tanto no espaço público quanto no doméstico. Assim, surge o conceito de gênero como categoria de análise para pesquisas em diversos campos da ciência. (MULLER, 2021, p. 202)

O conceito de gênero pode ser visto também como "elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos", e "forma primária de dar significado às relações de poder" (MOTA; OLIVEIRA, 2021, p. 321). Green, autora muito referenciada em trabalhos que discutem gênero e música, em seu livro *Music, gender and education*, também traz a definição do conceito de gênero, relacionando o termo às "interpretações históricas da feminilidade e da masculinidade" (GREEN, 1997, p. 22). Além disso, aborda em seu livro algumas questões fundamentais sobre as práticas musicais das mulheres e seus significados, sendo assim um livro indispensável para quem pretende abordar a temática de gênero relacionada a música.

Green discute também o patriarcado, e aponta que o termo estabelece uma relação "em que os homens têm, no geral, mais poder que as mulheres, articulado através da separação, que é ao mesmo tempo empírica e simbólica, da vida pública e privada" (GREEN, 1997, p. 25). Entendendo que as funções de caráter público estavam relacionadas aos trabalhos assalariados, e as funções do caráter privado aos trabalhos domésticos e não assalariados. A autora discute a relação que o patriarcado tem com a prática musical das mulheres, ao que ela denomina de "patriarcado musical". O patriarcado musical surge, também, a partir das divisões e funções marcadas pelo gênero, onde, mesmo que as mulheres praticassem música, estas práticas estavam igualmente relacionadas à vida privada e que de alguma maneira expressavam características femininas.

Com o objetivo de contrapor o patriarcado, surge o feminismo no século XIX, como um movimento político que "questiona as relações de poder e exploração homem - mulher e propõe transformações social, econômica, política e ideológica para a sociedade" (DIAS, 2017, p. 33). Após décadas de submissão, sendo apagadas da história pelo fato de serem



mulheres, passam a reivindicar seus direitos, com o objetivo de ocuparem um papel social de forma igualitária em relação aos homens. Afinal, não eram menos capazes, mas tinham menos oportunidades de se desenvolver e precisavam passar por mais obstáculos para ocuparem os mesmos cargos que os homens. Assim, “o feminismo especifica diretamente o enfrentamento com o pensamento do sistema patriarcal na contemporaneidade” (MOREIRA, 2013, p. 23).

MULHERES NA MÚSICA E NAS BANDAS DE MÚSICA

Trazendo a representação da mulher na música e relacionando essa temática com a questão de gênero, Wenning faz uma análise sobre a diversidade de gênero e sexualidade na docência de música, trazendo a discussão sobre a igualdade de gênero e identifica que há uma “baixa representatividade das mulheres no campo da música” (WENNING, 2019, p. 67). Ao fazer uma análise da história da música, menciona que são poucas as compositoras citadas. Porém, ao analisar a representatividade das mulheres na docência em música, Rosa, uma das professoras participantes do estudo realizado por Wenning, conta:

Se a gente abrir métodos, vai ter lá os repertórios dos compositores homens. Instrumentistas, a referência são homens. Só que na educação, magistério, a maior parte dos educadores são, na verdade, mulheres. Na escola de Educação Infantil em que eu dou aula todas são mulheres (WENNING, 2019, p. 66).

Podemos perceber assim que a representatividade feminina abrange não só o espaço das bandas, mas todo o espaço de formação, educação e referências musicais e, portanto, publicação sobre estes espaços podem contribuir também para discussões sobre a temática. Assim, fica como sugestão de uma das suas entrevistadas, por Wenning “[...] que a formação inicial deve proporcionar o contato com mulheres musicistas, compositoras e intérpretes, embora não mencione outros sujeitos da diversidade de gênero que também estão presentes na música” (WENNING, 2019, p. 65).

Com isso, podemos afirmar que é importante incentivar durante a formação musical o contato com mulheres musicistas (AQUINO, 2021, p. 78). Esse contato poderá servir de incentivo para muitas outras mulheres, demonstrando que, sim, é possível que mais



mulheres ocupem vagas como regentes, musicistas, compositoras, interpretas, e muitas outras ocupações referentes a música. Assim, devemos “combater o processo de inviabilização das produções femininas no campo musical” (AQUINO, 2021, p. 65). Apontando aqui como exemplo, uma proposta formativa da própria autora Aquino (2021) que foi realizada em uma escola de educação básica, em conjunto com uma instituição de ensino superior (IES). O seu trabalho buscou desenvolver uma proposta centrada em produções femininas, sendo um destes exemplos Chiquinha Gonzaga, que até onde se tem conhecimento, foi uma importante musicista e uma das primeiras maestrinas brasileiras. O acesso à produção musical de mulheres musicistas, tem um significado de “fazer justiça às atuações e às produções de mulheres no campo da música” (AQUINO, 2021, p. 74), afim de trazer o devido reconhecimento que por muito tempo lhes foi privado.

Sobre a representação de mulheres em bandas de música, são poucos autores que discutem essa temática. Alguns dos trabalhos que abordam sobre bandas de música, apontam brevemente a pouca representatividade de mulheres, mas não sendo esse o foco principal do trabalho. Sabe-se que, durante muito tempo, as mulheres foram proibidas de participar deste tipo de prática musical, principalmente por ela estar muito associada às bandas militares, onde apenas os homens podiam servir. Mas, atualmente se tem conhecimento que há mulheres instrumentistas participando de bandas filarmônicas e fanfarras, em alguns casos com número inferior de participantes mulheres e em outros, com número igual ou maior que de homens. Para tratar da representação de mulheres em bandas de música, podemos destacar Moreira (2013), que aponta que “a presença feminina nas bandas só ocorreu de fato em meado do século XX” (MOREIRA, 2013, p. 3).

Em sua tese, Moreira discute a participação de mulheres nesses espaços de educação musical, e foi “em busca de respostas que justificassem a escassez de trabalhos científicos sobre o tema e o hiato temporal da presença feminina nestas agremiações” (MOREIRA, 2013, p. 12). Buscou então fazer um levantamento dos trabalhos que traziam esta temática, a fim de “abordar o papel sociopolítico, educativo e artístico da presença das mulheres em grupos filarmônicos” (MOREIRA, 2013, p. 1). O autor considera importante trazer estes questionamentos por acredita que:



[...] grupos filarmônicos contribuem para a preservação educacional, composicional, instrumental e, principalmente, musicológica, na música científico-acadêmica sendo fonte para análises de tal participação, do desenvolvimento pedagógico e consequentemente sobre as oportunidades profissionais para mulheres em relação ao crescimento performático e de ascensão das mesmas nestes grupos centenários. (MOREIRA, 2013, p. 1).

Sabe-se que a representação de mulheres em bandas de música tem crescido bastante, ainda que diminuta em relação a masculina. Mas, em alguns lugares, existem até bandas de música que contam com a participação exclusivamente de mulheres.

Santos (2016), buscou analisar a trajetória, formação e a atuação de bandas de música exclusivamente femininas. Para tanto, fez um estudo de multicaso de três bandas de música, surgidas nos anos de 1958 a 1970, no estado de Sergipe. Em sua pesquisa observou que “a presença das bandas de música, no estado de Sergipe, foi tão marcante que não se limitou apenas aos homens” (SANTOS, 2016, p. 5). O autor apresenta o histórico das bandas e de forma detalhada menciona o número de participantes e dados dos ensaios realizados nesses grupos e “[...] apesar da discriminação que as mulheres sofriam, elas conseguiram romper barreiras, tabus e mostraram que podiam executar instrumentos musicais que, na época, eram executados apenas por homens” (SANTOS, 2016, p. 1). O autor indica que apesar de se tratar de bandas que surgiram aproximadamente 50 anos atrás, ele acredita que “as Bandas Femininas de Sergipe acrescentaram algo mais nas práticas da cultura de bandas do Brasil” (AQUINO, 2016, p. 10). Assim, o histórico das bandas musicais é importante para entender o contexto atual de formação musical e social presente nelas, levando em consideração que essas agremiações são fruto de uma longa tradição cultural.

MULHERES REGENTES

Até aqui, discutimos sobre alguns conceitos importantes, e sobre a representação de mulheres na música e nas bandas de música. Agora vamos tratar da representação de mulheres como regentes, visto que também é um tema pouco debatido e que ainda tem uma baixa representatividade feminina.



Sob o ponto de vista patriarcal, mulheres “comandando” outros músicos, e exercendo assim o papel de regentes, seria impensável, pois o papel de exercer o comando era designado apenas a homens. E foi o que ocorreu durante muitos séculos, onde as mulheres tiveram que enfrentar muitos obstáculos e dificuldades para poder atuar como regentes.

Botelho (2020), no texto “Mascha Blankenburg e as mulheres na regência”, ao tratar sobre mulheres na regência e trazer um pouco do cenário atual, aponta que:

O século 20 foi marcado pelo início da derrubada dos muros nesse campo profissional. Hoje, mesmo com muito ainda por fazer, as mulheres do final do século 20 e século 21 usufruem do trabalho percorrido por muitas pioneiras, conquistando o merecido espaço e respeito à frente de grandes orquestras. (BOTELHO, 2020, p. 4)

Botelho cita como exemplo a maestra alemã Elke Mascha Blankenburg (1943-2013) que lutou pela igualdade de mulheres na música e que também foi uma das precursoras do feminismo musicológico alemão. A autora destaca muitos feitos de Elke, desde publicações importantes, arquivos, movimentos feministas, entre outros. Ressalta ainda que as mulheres são regentes a mais tempo do que imaginamos, porém muitas delas foram apagadas da história, exatamente por serem mulheres.

Para tratar também dessa questão, Moreira (2013) dedica um capítulo de sua tese à discussão sobre mulheres na regência. Aponta que a formação musical em cursos livres, técnicos e universitários tem de certa forma “favorecido em muitos casos uma qualificação satisfatória”, permitindo assim que mulheres ocupem “postos de regência não só nas suas filarmônicas (ou outras filarmônicas ou ainda bandas de música), como em orquestras e bandas sinfônicas no mundo” (MOREIRA, 2013, p. 178). O autor cita diversas mulheres regentes e maestrinas que atuam tanto no Brasil, como em muitos outros países, mostrando que há mulheres ocupando cargos de regentes e maestrinas em importantes orquestras e bandas.

Com cada vez mais mulheres atuando no cargo de regentes, tem se formado muitos movimentos que apoiam e discutem a temática. Um exemplo disso é o Simpósio Internacional de Mulheres Regentes, movimento que começou em 2016 como uma iniciativa



de maestras brasileiras, e que lançou um manifesto no dia 8 de março de 2021, dia Internacional da Mulher, que dizia o seguinte:

- 1- Reivindicamos o acesso a espaços e postos historicamente negados às mulheres na música, particularmente às regentes e às compositoras;
- 2- Denunciamos a invisibilização do trabalho das mulheres, e diversidades na música, particularmente das regentes e das compositoras;
- 3- Rejeitamos qualquer ação discriminatória e, sobretudo, repudiamos toda forma de violência física, psicológica, simbólica e institucional;
- 4- Pedimos que se estabeleçam legislações que contemplem as demandas de valorização, proteção e isonomia, promovendo igualdade de oportunidades e condições de trabalho para as mulheres regentes, assim como para todas as demais profissionais da música;
- 5- Urgente implementação de políticas que garantam o acesso à educação e o desenvolvimento musical de meninas e jovens;
- 6- Apoio e compromisso da liderança política e dos responsáveis das diversas instituições culturais para que se implementem as propostas resultantes do presente manifesto.

Esse manifesto foi criado a partir da discussão durante o III Simpósio Internacional de Mulheres Regentes em setembro de 2020, e contou com 976 participantes de diversos países.

Esse manifesto mostra que ainda há uma desigualdade em relação a ocupação de mulheres em cargos de regentes, e em outras áreas da música, mas também que há mulheres lutando para que essa desigualdade acabe.

Outro exemplo da discussão sobre mulheres na regência, é um dos fóruns realizados em agosto de 2022, pela Nova Associação Brasileira de Regentes de Coros (Nova ABRC/ ABRACO), que convidou a regente brasileira Taís Conte Renzetti, que atua como regente na Itália, para participar do Fórum Permanente, que é um fórum de discussões, que teve como tema nessa edição “Mulheres Regentes: para além do palco, do batom e da batuta”. A regente contou que ainda, nas grandes orquestras há uma prevalência maior de homens, e que em alguns casos as mulheres tem que ser mais qualificadas que os homens para ocupar um cargo de regente. Admite que há sim ainda casos de assédios, que aparecem até como comentários, muitas vezes dos próprios colegas de trabalho, do tipo “estou surpreso que eu pude trabalhar tão bem musicalmente com uma mulher”, ou “só conseguiu isso porque é mulher”. Mas aponta que tem tido muitas mudanças nos últimos tempos, e acredita que seja um momento de transição, com muitas possibilidades para as mulheres, e que o que



precisa ser feito é “mudar um pouco o diálogo”. Finaliza dizendo que quer ser reconhecida por ser uma profissional, assim como todos os outros regentes, independentemente de ser mulher ou não.

Estes trabalhos e exemplos apontados mostram que se tem discutido sobre a ocupação de mulheres em cargos de regentes e maestrinas, reconhecendo que além de ser diminuta, as mulheres ainda enfrentam alguns obstáculos para ocuparem esses cargos. Mas que esse debate serve para viabilizar cada vez mais essa representação feminina como maestrinas e regentes, ressaltando ainda mais a importância dessa discussão e continuidade na construção de pesquisas e trabalhos sobre a temática. Assim como aponta Moreira, “a continuidade da investigação feminina em Música é necessária, seja ela sob o ponto de vista quantitativo ou no que concerne à sua atuação de performance, independentemente do tipo instrumental, composicional, educacional ou musicológico” (MOREIRA, 2013, p. 299). E se espera com isso, que as mulheres tenham o devido reconhecimento como profissionais na música.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho apresentou algumas concepções sobre a questão da representatividade de mulheres nas bandas de música e alguns conceitos importantes para entendermos melhor porque a mulher foi privada durante muitas décadas da participação na música, e que ainda há resquícios dessa privação em muitos lugares da esfera pública. Precisou passar assim por muitos obstáculos para obter seu reconhecimento, e que esses obstáculos ainda estão muito presentes no dia-a-dia da mulher, principalmente nos cargos que ainda são ocupados majoritariamente por homens.

Ainda foram encontrados poucos trabalhos que discutem a representação de mulheres e regentes em bandas de música, que é a proposta da pesquisa de mestrado em andamento, sendo mais debatida essas questões sobre mulheres regendo orquestras.

Além de encontrar fundamentações teóricas para a pesquisa, espera-se com o levantamento responder algumas questões como: tem se realizado pesquisas sobre a temática? Quem está produzindo (graduandos, mestrandos, doutorandos)? São mulheres



que estão pesquisando sobre a questão da representação feminina? Quantos trabalhos foram escritos, quais autores e quais as fundamentações teóricas mais utilizadas?

Espera-se com esta pesquisa ampliar e contribuir com o conhecimento sobre esta temática, e dar o devido reconhecimento as mulheres regentes que estão à frente de tantas musicistas e músicos em importantes orquestras, coros e bandas de música.

Referências

AQUINO, Thaís Lobosque. Epistemologia(s) da educação musical escolar: uma análise da proposta formativa “Mulheres na Música”. Revista da ABEM, v. 29, p. 65-82, 2021. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/961/598>>.

BOTELHO, Andréa Huguenin. Mascha Blankenburg e as mulheres na regência. Recensão do livro *Dirigentinnen im 20. Jahrhundert: Porträts von Marin Alsop bis Simone Young*. Universidade de Nova Lisboa, Portugal, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44703097/MASCHA_BLANKENBURG_E_AS_MULHERES_NA_REG%C3%8ANCIA>.

DIAS, Flávia Thaís Sobrinho Souza. *Feminismos nas fanfarras de rua carioca: os estudos de caso do bloco Mulheres Rodadas e da brass band Damas de Ferro*. 2017. 145f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Fórum Permanente da ABRACO. *Mulheres Regentes: para além do palco, do batom e da batuta*. 8 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ubBRcKWkqAE>>

GREEN, Lucy. *Music, gender, education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

MANIFESTO. III Simpósio Internacional de Mulheres Regentes. Setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVKe4HzSGqY>>

MOREIRA, Marcos dos Santos. *Mulheres em bandas de música no nordeste do Brasil e no norte de Portugal*. 2013. 443f. Tese (Doutor em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley. *Gênero e sexualidade na formação e atuação em música: um estudo com duas professoras universitárias de música*.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



Revista da ABEM, v. 29, p. 317-336, 2021. Disponível em:
<<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1037/611>>.

MÜLLER, Vânia. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. Revista da ABEM, v. 29, p. 199-213, 2021. Disponível em:<
<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/952/605>>.

SANTOS, Elias Souza dos. Formação e atuação de três bandas femininas de música em Sergipe (1958-1970). 15f. 9º encontro de formação de professores (enfope) edição internacional, Sergipe, 2016.

WENNING, Gabriela Garbini. Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica. 2019. 129f. Dissertação (Mestra em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.